

## **O CORPO POLÍTICO ENQUANTO OBRA EM PERIGO**

*THE POLITICAL BODY AS A WORK IN DANGER*

**Cesar Augusto Couto Bittencourt Junior**  
Mestrando / Universidade Federal de Pelotas  
cesarbcouto5@gmail.com

### **RESUMO**

Este trabalho se trata de uma pesquisa em andamento, muito pertinente e de extrema importância para a realidade de muitos e muitas artistas que vivem e produzem na contemporaneidade. Fazendo uma metáfora em relação a dois trabalhos performáticos, de artistas divergentes, sendo um cubano e outros dois brasileiros. Os trabalhos em questão tratam do corpo enquanto obra em perigo. Pelo fato de o suporte, a ferramenta e a materialidade utilizarem e explorarem as diversas facetas de um corpo. Expondo e evidenciando o mesmo, o corpo nu e cru.

**Palavras-chave:** Corpo, Artes Visuais, Performance, Obra de arte.

### **ABSTRACT**

This work is an ongoing research, very relevant and extremely important to the reality of many artists. Who live and produce in contemporary times. Making a metaphor for two performance works by divergent artists, one Cuban and two other Brazilians. The works in question deal with the body as a work in distress. Because support, tool, and materiality utilize and explore the various facets of a body. Exposing and highlighting the same, naked and raw body.

**Keywords:** Body, Visual Arts, Performance, Work of art

## **SOBRE POLÍTICA E O CORPO-ATIVISMO**

O termo tem origem no grego *politiká*, uma derivação de *polis* que designa aquilo que é público e *tikós*, que se refere ao bem comum de todas as pessoas. O significado de política é muito abrangente e está em geral, relacionado com aquilo que diz respeito ao espaço público e ao bem dos cidadãos.<sup>1</sup> Pensar a imagem do corpo enquanto ferramenta política revela-se um território rico para a criação artística ao passo que a ação ficcional caracterizada por uma linha tênue entre o real e o imaginário se exceda através da criação. Assim, a anatomia humana sempre foi um campo de pesquisa para a arte; o corpo, afinal, passou por muitas reinterpretações de olhares e expressões de identidades e/ou afetos ou desdenho, que transformaram a sua representação por meio de diversas linguagens.

O corpo muda de estado cada vez que percebe o mundo. E o corpo artista é aquele em que aquilo que ocorre ocasionalmente como desestabilizador de todos os outros corpos (ocasionando o sistema límbico) vai perdurar (GREINER, 2005, p. 122).

Tendo a relação pessoal com o corpo como um ato que ocorre através da percepção objetiva e idealizada de que temos que nos comportar e agir aparentemente em busca da aceitação dos outros. Como muitas coisas em nosso cotidiano que fazemos e produzimos em busca da total aceitação de quem nos observa. Tendo em vista, a relação do corpo com a arte, se dando de forma total contrária, subjetiva e imagética, com um descompromisso com o belo com a moral e até mesmo com o agradável. Em busca de desconforto que implica em reflexões à cerca dos corpos que rodeiam e transpassam uns aos outros cotidianamente. Muitas vezes esquecemos que possuímos um corpo, e que ele sempre foi nossa primeira casa. Sendo nossa fortaleza, nossa corpulência fortificada, preparada para resistir a ataques ou invasões. Visto que “Você pode, no entanto, reencontrar as chaves do seu corpo, tomar posse dele, habitá-lo enfim e nele encontrar vitalidade, saúde e autonomia que lhe são próprias” (BERNSTEIN, 1977, p. 13).

O corpo revolucionário e artístico se dá através da incessante vontade de ir contra tudo aquilo que estamos acostumados a presenciar diariamente, o corpo gordo, o corpo nu, o corpo queer, o corpo negro, o corpo periférico, o corpo estranho. Ocasionando o combate com outros corpos, dando a opressão recebida pela parte mais fraca que aflora essa gana pela

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/politica/>

necessidade da luta por um espaço físico e moral na multidão exuberante de corpos que percorrem de um lado ao outro a todo instante.

No entanto o reconhecimento de que onde há arte, sempre existe um corpo, parece incontestável. O corpo pode estar lá representado figurativamente, aos pedaços, residualmente, metaforicamente ou icônicamente, ou seja, até mesmo como uma possibilidade e não como existente (GREINER, 2005, p. 112-113).

O corpo ativista, com seu contexto social, político, histórico, biológico e cultural, no momento de recepção de alguma presença corpórea, traz à memória de sua autorrelação. Sendo assim, da relação de vivências que problematizam e ameaçam sua existência podendo emergir energias, pensamentos e atitudes positivas ou negativas. E isto nos coloca em questão:

Como energia e informação são relacionadas? Em se tratando de qualquer corpo (não necessariamente artista e nem mesmo humano), para detectar algo, precisa existir um padrão de variedade no ambiente físico. Informação, neste sentido, seria um padrão de variedade. O que faz a variedade da informação é a categorização do observador (GREINER, 2005, p. 114).

A arte traz o corpo a tona a todo instante, enquanto obra em perigo, expondo e desmistificando coisas sobre o mesmo, que é muito visto ainda como um objeto sagrado. Tendo como causa a vontade de conhecer e evidenciar as múltiplas facetas e diferenças que emergem um corpo, tomado pela ciência, cultura e religião colocando-o enquanto obra-prima, à mercê da sarjeta, deixando o público conhecer e explorar aquilo que mesmo que todos possuam, ainda é algo desconhecido e desconfortável, como se isto fosse um espelho que reflete e mostra toda a vivencia daquele objeto artístico, (re)conhecido ainda como corpo, um templo sagrado e secreto. Que todos nós possuímos! Partindo destas ações que ocorrem diante do público ao vivo, evidencio a linguagem artística mais trabalhada corporeamente e politicamente também, a *Performance*<sup>2</sup>, que constitui-se em um ato que ocorre ao vivo, diante de espectadores. Com grande importância para as Artes Visuais e para o ativismo, utilizando o corpo como forma de expressão, pois a mesma cria uma relação entre artista e público, utilizando as ruas e espaços alternativos como cenário para a apresentação das produções,

---

<sup>2</sup> "A *Performance Art* é um género artístico, desenvolvido desde os anos sessenta, que resulta da fusão de expressões como o teatro, o cinema, a dança, a poesia, a música e as artes plásticas. Está também muito ligada a outras formas de expressão, assim como o *Happening* e a *Body Art*, ambos realizados por alguns artistas desde final da década de 50, em Nova Iorque, com objetivo de interagir mais diretamente com o público" ([https://www.infopedia.pt/\\$performance-art](https://www.infopedia.pt/$performance-art)).

promovendo experiências coletivas de reinvenção do cotidiano. Como ressalta Regina Melim (2008, p. 9):

Para tanto, será lançada a noção de espaço de performance, traduzido como aquele que insere o espectador na obra-proposição, possibilitando a criação de uma estrutura relacional ou comunicacional. Ou seja, o espaço de ação do espectador ampliando a noção de performance como um procedimento que se prolonga também no participante.

A obra em evidência desta vasta pesquisa parte da obra/performance “Um teto todo seu”, (figura 1) que foi realizada no ano de 2016, na cidade Pelotas, pelos artistas Cesar Couto e Nathalia Grillo. Na qual a obra se trata de um ato performático que ocorreu na rua, diante do público, onde a performance Nathalia Grillo. Utilizando uma espécie de parangolé, igual ao do Hélio Oiticica, o mesmo foi feito pelos artistas, costurado a mão, com uma faixa escrito “corpo blindado” e tendo seu rosto coberto com o a obra-prima da Monalisa, de Leonardo DaVinci. Existia um percurso com pontos marcados no chão, com a hashtag “não tema” em que a artista tinha que gritar. Com a alusão de um corpo, anti-musa marcado pela utilização da Monalisa em seu rosto, e com um parangolé cobrindo seu corpo, como se fosse uma corpulência, um corpo fortificado e pronto para receber ataques.



Figura 1: Um teto todo seu, 2016. Fonte: autoral dos artistas.

Frente a esta pesquisa, referencio a obra e a ação com o corpo revolucionário nas obras contemporâneas do artista performer Cubano Carlos Martiel. Possuente de um ativismo que se apropria de todos os sentidos que o corpo humano pode emergir. Na tentativa translúcida de

passar conhecimento sobre sua cultura e memórias. Como se cada obra sua fosse uma cartografia arqueológica de suas vivências. Como em sua obra *Semente* (figura 2), na qual o artista permaneceu imóvel, deitado e nu, em posição fetal no chão da galeria e dois homens caucasianos cobrem seu corpo com pedras até o mesmo desaparecer por inteiro.

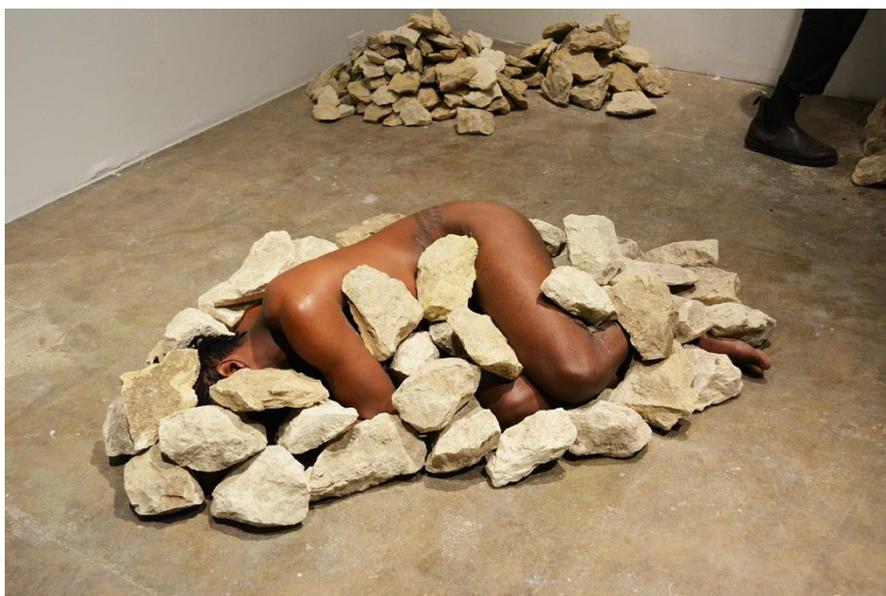


Figura 2: *Semente*, (2014). Registro de ato performático.  
Fonte: <http://www.carlosmartiel.net/wp-content/uploads/2015/02/kkkk.jpg>

Na busca incessante por esta voz corpórea, que grita e se faz presente de diversas formas, almejando e clamando por espaço para morar, (sobre)viver e não ser apagada. Carlos Martiel é artista, e o mesmo é artista por ser possuinte de um corpo, transgressor, periférico, contra o sistema e subversivo. Trazendo tudo aquilo que muitas vezes já foram impostos sobre nós com uma outra visão. Utilizando a violência contra seu corpo, com reflexões muito amplas sobre nossa esfera social. Em busca da convicção de que seu corpo é o meio esplendor mais alto e forte para se comunicar politicamente. Nascido em Havana, Cuba. Vive e trabalha em NY. Graduou-se em 2009 na Academia Nacional de Belas Artes “San Alejandro”, em Havana. Como podemos analisar, o corpo ativista performa em outro viés para a política, assumindo sua condição identitária e cultural, a partir dela, intervenções sobre si dos quais os sujeitos assumem posições no espaço público.

Desde muito cedo ouvimos falar sobre a necessidade de escondermos nossos corpos, desde o instante em que nascemos e saímos do útero de nossas mães, surgem médicos e nos enrolam em panos e nos implantam a vergonha pelo mesmo. Como se fosse uma forma de

clamor pelo pudor ao corpo, pelo culto a culpa de sermos quem somos. E para nos desvinciliarmos destes panos e amarras que nos cercam e enlaçam nossos corpos, como se fossemos um templo sagrado, quase que como um altar, que não se pode tocar, mudar e amar. E para isto, precisamos passar por muitas coisas e desconstrução total deste tabu que ainda existe perante um corpo. Assim, como afirma Stanton L. Catlin, em suas escritas do texto O artista-Cronista Viajanta e a Tradição Empírica na América Latina Pós-Independência, pg. 42. Que tudo existe a presença de Deus, algo sagrado:

Qualquer que fosse o meio utilizado – pintura, escultura, arquitetura, ornamentos confeccionados com ouro, prata ou mescla de materiais – e qualquer que fosse o contexto religioso ou secular, a razão primeira da arte era a de ser devocional. Como manifestações da presença de Deus e da fidelidade humana ao criador, e de acordo com a fé dos poderes peninsulares reinantes, as obras de arte, por toda a parte, simbolizavam e serviam como guia para uma visão da vida sobrenatural e do outro mundo.

Com esta citação podemos analisar, o quanto nos fazem esquecer que se existe algo que todos nós possuímos, isto é o corpo. Não esquecendo que o corpo é e sempre foi nossa primeira identidade, pois EU SOU CORPO. Quando argumentamos e discutimos com pessoas no dia-a-dia sobre aspectos, qualidade e defeitos que nos pertencem, como por exemplo, falamos “eu sou artista, ou eu sou designer”, falamos e nos dirigimos a este aspecto ou função como algo que nós somos, que nos pertence, pois eu sou aquilo, pois afinal, se tal função ou aspecto me pertence, eu sou aquilo. Sendo assim, o mesmo deveria ser dito em relação ao nosso corpo, pois nós somos e pertencemos ao mesmo.

O meu corpo é a forma como eu me expesso com o mundo, e como eu resisto em meio a tanta censura e desencontros que temos com nosso corpo durante nossa trajetória enquanto ser vivo. Esta resistência possui sensível relação com a arte e com a política, ampliando o processo de percepção, criação e reflexão, através das diferentes linguagens artísticas que a contemporaneidade nos possibilita. Tais reflexões foram provocadas pela leitura de “Adeus ao corpo”, obra de David Le Breton (1999), colocando o corpo moderno e contemporâneo em perspectiva e em discussão, definindo-o como um simples suporte do homem. Como se o corpo fosse algo que deve ser aprimorado, o corpo/matéria-prima que pode desvelar a identidade pessoal. Assim como as obras de arte citadas à cima, ambas em busca de uma identidade, mesmo que com uma casca de panos ou pedregulhos. A busca incessante por conhecermos a nós mesmo, esta obra-prima (identidade) que está em perigo o tempo todo. Nosso corpo enquanto primeira casa, deve ser livre e amplamente experimentado.

Pois, entrar em contato com outros corpos nos traz conhecimento sobre o nosso. Entrar em contato com o nosso próprio corpo, mesmo que seja com o um dedo ou uma mão, nos traz conhecimento e prazeres imensos que outros corpos podem não nos proporcionar. Entrar em contato com objetos e com o mundo nos traz experiências corpóreas divergentes das que estamos acostumados a vivenciar. Explorar o corpo nu e cru, sem pudor e vergonha, nos desamarra das cordas que muitas vezes quase nos enforcam com a necessidade implícita e injusta de nos comparar e querer ser quem não somos. Experimentar, conhecer e amar nossa primeira casa é enxergar e perceber o corpo enquanto obra e matéria prima. Com isto, trago a citação de Tania Rivera “A arte se torna exploração da vida, da cidade, em busca de um “si mesmo” deslocado no objeto.” (pg. 78, RIVERA)

## CONCLUSÃO

Ao refletir sobre o estudo deste tema que se trata de uma pesquisa ainda em andamento, em vias de se aprontar, ao menos por agora, sobre a opção de argumentos indicativos ao corpo pretende-se com isso potencializar reflexões sobre políticas sociais. Ao trabalhar com processos de subjetivação, oferecendo a proposta trazer reflexões sobre o corpo e o ativismo presente dentro de museus, galerias, espaços educativos e o mais importante nas ruas, trazendo a discussão e observações de autores que problematizam este tema, aliando a estas inquietações observadas dentro destes meios enquanto todo corpo é um manancial de possibilidades aos artistas a ser explorado de diferentes formas e linguagens, em prol da luta pela busca de uma voz, que nunca lhes foi permitida, perante a estes corpos que muitas vezes são calados, escondidos, marginalizados e desvalorizados para potencializar o olhar político do observador.

Tendo em vista, que enquanto artista visual, eu me sinto o tempo inteiro censurado, e limitado no que se refere às minhas produções. Isso, pois eu retrato o corpo de diversas formas, tanto pejorativas, não enaltecidas, como em situações do cotidiano. A minha produção é focada no corpo de forma abrangente, retrato situações e modificações que o nosso corpo sofre, enfatizando que o conceito de beleza que é algo relativo, não um valor universal e único. Nos tabus aos quais os corpos são submetidos, é possível salientar a sexualização de tudo que diz respeito aos nossos corpos.

## **REFERÊNCIAS**

### Livros

GREINER, Christine. **O CORPO: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

LE BRETON, Davidi. **ADEUS AO CORPO: antropologia e sociedade**. Campinas, Papyrus editora, 2013.

MELINA, Regina. **PERFORMANCE NAS ARTES VISUAIS**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed, 2008.

PIRES, Beatriz. **O CORPO COMO SUPORTE DA ARTE: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo. Editora Senac, 2005.

RIVERA, Tania. **SUBJETIVIDADE ANÓNIMA E CULTURA ABERTA NO PENSAMENTO DE HÉLIO OITICICA**.

CATLIN, Stanton L. **O ARTISTA-CRONISTA VIAJANTE E A TRADIÇÃO EMPÍRICA NA AMÉRICA LATINA PÓS-INDEPENDÊNCIA**.